

AS MISSIONÁRIAS E OS MISSIONÁRIOS BRASILEIROS ALÉM-FRONTEIRAS

*Pe. Giorgio Paleari, PIME
Secretário Executivo do COMINA*

São 1556 os brasileiros e brasileiras que atuam no exterior em frentes missionárias de evangelização ou de promoção humana, ligadas a obras e projetos da Igreja católica.

Este é o primeiro dado de uma pesquisa realizada pelo Conselho Missionário Nacional (COMINA) durante o ano de 2001, através de um contato persistente junto a quase 1000 entidades entre congregações, projetos missionários e dioceses.

Desde 1992, a CNBB estava tentando um cadastramento destes missionários, mas somente agora conseguiu um resultado bastante satisfatório. Das entidades contatadas, 85% contribuíram com suas respostas para levantar um primeiro perfil da presença missionária brasileira além-fronteiras.

A pesquisa

O trabalho de contato e de pesquisa recolheu informações junto aos responsáveis das entidades sobre as brasileiras e os brasileiros *natos* que atuam como missionárias e missionários fora do país.

Foram pedidos dados referentes à identidade, origem, formação, envio, destinação, atividade e residência dos missionários.

Também foi caracterizada como "missionária" a pessoa que está totalmente engajada num trabalho eclesial pastoral ou de promoção humana, sem outros importantes vínculos com Organizações Não Governamentais ou com projetos profissionais junto a instituições não-religiosas ou empresas.

Desta forma, as entidades contatadas foram exclusivamente congregações religiosas, projetos missionários ligados à CNBB e dioceses que eventualmente enviam seus agentes como missionários para outras dioceses fora do país.

Os membros destas entidades que estão no exterior *exclusivamente* a serviço da instituição (por exemplo, no governo geral da congregação), ou por motivos de estudo e formação, não foram contemplados nos resultados finais desta pesquisa.

O trabalho direto de levantamento dos dados foi feito por Cristina Maria Galvão, contratada pelo COMINA, e teve a supervisão técnica de Pe. Estevão Raschietti, missionário Xaveriano. O incentivo do Presidente do COMINA, Dom Erwin Krautler, bispo do Xingu, como de toda a equipe executiva, foi de constante apoio e incentivo ao projeto.

Uma primeira leitura dos dados

O esquema para a sucessiva reflexão privilegia, antes, o caminho da missão (itens 1-4) e, sucessivamente, os sujeitos da missão (itens 5-10). Sendo que a missão é, antes de tudo, um deslocamento e um sair, preferiu-se mostrar, como primeiro passo, o "para onde" e "o que fazem as missionárias e missionários brasileiros além-fronteiras" e, sucessivamente, visualizar a identidade e a origem dos mesmos.

Sendo esta a primeira pesquisa de caráter sistemático sobre a realidade missionária dos que estão além-fronteiras, não foi possível realizar análises comparativas, pois não há dados ou análises anteriores.

O que emerge, nesta primeira abordagem, é algo de surpreendente e revelador. A missão além-fronteiras é uma realidade que está tomando um rumo cada vez mais preciso na Igreja Católica do Brasil. Revela a maturidade de uma instituição que se abre, dando de sua pobreza, a outros povos do mundo. Uma Igreja amadurece quando se abre à dimensão missionária.

1 – CAMINHOS DA MISSÃO

1.1. A maciça presença na África e nas Américas

A África e as Américas representam as áreas geográficas que mais absorvem os missionários brasileiros além-fronteiras. O Continente Americano absorve 39,53% dos 1556 (100%) missionários (América Central 7,65%, América do Norte 3,15% e América do Sul 28,73%). A presença nas Américas supera os 35,41% da África. Em valores absolutos, são 615 missionários nas Américas e 551 na África, perfazendo um total de 1166 unidades. Os 25,06% restantes, 390 missionários, estão nos outros continentes, incluindo a Europa com 19,02%. A Ásia e a Oceania absorvem, em números absolutos 94 missionários e em relativos 6,04%. Pode-se dizer que o "oriente" é o continente quase que esquecido pela Igreja Missionária do Brasil.

A herança africana

O grande número de missionários na África (35,41%) pode ser explicado por vários fatores, entre os quais, a "*dívida histórica*" com relação aos escravos negros trazidos para o Brasil, a "*facilidade lingüística e cultural*" em relação aos países africanos que foram colonizados pelos portugueses - Moçambique, Angola e Guiné Bissau acolhem bem 351 (63,7%) missionários brasileiros, sobre um total de 551 - e também a extrema pobreza de ingentes populações africanas que identificam a missão como um "*serviço*" e uma "*presença*" no meio dos mais pobres. Esta última consideração direciona a atividade missionária para uma certa perspectiva: o compromisso solidário com os pobres mais pobres. Sobretudo nos dias de hoje, a África é um continente esquecido pelas grandes potências ocidentais. Guerras tribais (herança do colonialismo) e doenças endêmicas estão dizimando as populações da África. Somente os missionários e as missionárias acreditam na vida e na ressurreição da África.

Estes e outros fatores parecem incentivar o caminho da missão para a África. No entanto, é importante avaliar profundamente e dar o devido peso a cada uma destas variáveis.

A "pátria grande"

As três Américas (sul, centro e norte) recebem o contingente maior dos missionários brasileiros: 615 unidades ou 39,53%.

Na América do Norte (Estados Unidos 40 e Canadá 09) a presença de missionários brasileiros se restringe ao serviço dos migrantes brasileiros e hispânicos (40%). Os missionários se concentram sobretudo nas áreas de Miami, Nova York (EUA) e Toronto (Canadá) onde é significativa a presença de imigrantes brasileiros. Nesses países, a PBE (Pastoral para os Brasileiros no Exterior) é particularmente ativa. A PBE surgiu nestes últimos anos para acompanhar os imigrantes brasileiros. Outros missionários estão a serviço das congregações nestes países.

A América Central e do Sul absorvem, pode-se dizer, a maior força missionária brasileira além-fronteiras: 566 missionários ou 36,38% das forças. Diferentes motivos podem explicar esta presença. Antes de tudo, a *proximidade geográfica*

permite um intercâmbio rápido entre as forças das Congregações Religiosas. As viagens e os contatos permitem que não se separe o grupo das províncias, o contingente que está fora e o grupo que está no Brasil. É fácil trocar o pessoal e permite uma abertura maior também aos grupos sedimentados. Dos primeiros 20 países com presença missionária brasileira, a Bolívia acolhe 104 missionários (8,59%), a Argentina 82 (6,77% - NB representa o mesmo número de todos os missionários na Ásia), o Paraguai 74 (6,11%) e o Chile 59 (4,87%). Em síntese, considerando os vinte primeiros países na escala de presença de missionários brasileiros, a América do Sul e a América Central acolhem 481 pessoas (até Guatemala). É uma presença, sem dúvida, considerável.

Também os *fatores lingüísticos e culturais* não podem ser descartados. Há uma proximidade lingüística entre o português e o espanhol, este último falado quase globalmente nos países latino americanos. A questão cultural aproxima também os universos simbólicos dos países. A América Central e a América Latina foram colonizadas pelos impérios hispânico e português (Brasil). O tipo de cultura popular, a religiosidade, a influência indígena e dos negros escravos perpassam a quase totalidade das áreas. É relativamente mais fácil uma aproximação a culturas homogêneas. O missionário trabalha mais com o eixo da continuidade e menos com o da diversidade-ruptura.

Um fator que não pode também ser descartado é o *símbolo da pátria grande* que já estava nos sonhos de Bolívar e de outros que vislumbravam uma grande unidade latino-americana. A partilha dos grandes ideais de uma solidariedade continental pode representar um grande imaginário também para as forças missionárias.

O oriente esquecido

A Ásia e a Oceania representam os continentes quase que completamente esquecidos pela Igreja Missionária do Brasil. Somente 94 missionários (82 na Ásia e 12 na Oceania) ou 6,04% (5,27% na Ásia e 0,77% na Oceania) encontram-se nestes territórios. As Filipinas estão numa situação particular. Colonizadas primeiramente pelos espanhóis, as Filipinas são um país quase que completamente católico. É aqui que se encontra o maior contingente missionário brasileiro. São 33 pessoas ou 2,73% do total. Se considerarmos os dados, somente a partir da Ásia, sobre 82 missionários, 33 estão nas Filipinas, perfazendo 40,24% das forças missionárias brasileiras na Ásia. A proximidade cultural e religiosa com o Brasil permite aos missionários brasileiros, na maioria, viver numa linha de continuidade. O estilo de pastoral, a situação de pobreza e o mundo simbólico aproximam os dois contextos. Não pode ser deixado de lado, também, o aspecto de "busca" de vocações para as Congregações Religiosas que pode jogar um papel importante na escolha deste país. As Filipinas são um celeiro de vocações para a Igreja.

No seu conjunto, porém, o Oriente permanece um mundo esquecido e longínquo das preocupações missionárias brasileiras. Determinados desafios que se experimentam hoje no campo missionário provêm principalmente da Ásia. O mundo das grandes religiões, o contato com as culturas milenares e a presença minoritária do Cristianismo na Ásia continuam sendo realidades longínquas do nosso contexto. O intercâmbio cultural com as grandes tradições asiáticas chega no Brasil através de alguns novos movimentos religiosos importados e, não tanto, da voz e da presença dos missionários brasileiros.

A renovação missionária da Igreja do Brasil passa, necessariamente, pelo caminho da missão no Oriente, especialmente na Ásia, com toda a problemática inerente.

Vale a pena considerar um projeto original, qualificado e pioneiro da presença missionária na Ásia, levada adiante pela CNBB e CRB: a missão no Timor Leste ou Timor Lorosae, país que há pouco tempo se tornou independente da Indonésia. As estatísticas gerais mostram que no Timor Leste vivem 7 missionárias e missionários, seguidos com atenção pela Igreja do Brasil. Estes formam uma comunidade intercongregacional, vivem no meio do povo e contribuem para a reconstrução do país dizimado pela guerra.

1.2. Contexto de trabalho

Onde estão as missionárias e os missionários brasileiros? Em que contexto estão atuando? A pesquisa indica um dado interessante: a maioria está presente no contexto urbano (56,68%). Outros estão no contexto urbano-rural (25%) e somente o 7,13% trabalha em áreas exclusivamente rurais.

A emergência do urbano

Como é também evidenciado em outras pesquisas, o mundo urbano está sempre mais emergindo como o lugar privilegiado da missão. Fala-se de "missão urbana", indicando o âmbito prioritário da atuação missionária. Há alguns anos que o fenômeno da migração, muitas vezes forçada, deslocou ingentes massas do campo para a cidade. As cidades continuam se inchando e concentram, como no caso do Brasil, até 80% da população de um país.

Assim, o tradicional caminho missionário para o "interior" está sendo complementado por uma missão tipicamente urbana. Mesmo que continue o trajeto para as populações tradicionais, os povos indígenas, as culturas populares (muitas vezes com uma ênfase de romantismo), a verdade é que o âmbito para o qual os missionários brasileiros estão se dirigindo é sempre mais aquele urbano. É este o "locus" prioritário. O que significa este novo direcionamento ainda deve ser refletido e descoberto. Certamente trará conseqüências na maneira de preparar as forças missionárias, de desvendar caminhos de evangelização na cidade e de elaborar uma nova espiritualidade. Tudo isso indica que está se configurando no âmbito da missão uma nova "revolução copernicana" na qual as forças missionárias estão sempre mais se adentrando. Com séculos de missão rural parece que muitos métodos foram aprendidos e muita experiência foi adquirida. O urbano exige novos caminhos e se apresenta como desafio para a missão. João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) já tinha vislumbrado a realidade urbana como sendo o novo âmbito privilegiado da atividade missionária. "Hoje, diz o Papa, a imagem da missão *ad gentes* talvez esteja mudando: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que, depois, influem na população" (RM, nº 37b). E, mais adiante, continua falando dos "novos areópagos" dos tempos modernos, incluindo o mundo das comunicações (RM, 37c).

Levando em conta a especificidade de cada continente, emergem algumas diferenças nas porcentagens sobre a presença urbano-rural. A Europa têm 83,78% de presença missionária urbana e a África 45,19%. Evidentemente estamos diante de dois continentes completamente diferentes. Nos outros continentes a consistência da presença missionária na cidade supera os 50% (52,36% nas Américas; 68,29% na Ásia e 58,33% na Oceania).

Entre os extremos rural e urbano há uma terceira categoria "rural-urbano", indicando ou o 'vai-vêm' dos missionários ou uma realidade híbrida em que o centro da missão se encontra na cidade e os missionários se deslocam temporariamente para as áreas rurais.

Se egermos a categoria "rural" para detectar o trajeto tradicional da missão, devemos concordar que está acontecendo uma significativa mudança. O trabalho missionário está voltado mais para as áreas urbanas. O continente africano tem 11,43% de presença missionária exclusiva nos ambientes rurais. Os outros continentes menos ainda: 8,46% nas Américas, 2,44% na Ásia e 1,01% na Europa (a Oceania não está especificada). Estes dados começam a se tornar significativos também para a questão missionária após as grandes variações demográficas dos últimos 60 anos. A Escola de Chicago nos anos 40 do século passado já discutia as teorias do "continuum folk" e das variações de comportamento entre rural e urbano. O caminho missionário vislumbra, com atraso, outro paradigma para a questão missionária.

O que se entende por "âmbito urbano" ainda deve ser desvendado. Estão incluídas cidades pequenas e médias bem como as megalópoles. Estão incluídas, também, novas visões que extrapolam o ambiente específico da cidade e se difundem em contextos tradicionais, através dos meios de comunicação social. Além disso, ocorre detectar em que sentido houve mudança na atuação missionária e o tipo de renovação de métodos que estejam acontecendo. Os próximos dados são significativos para notar se, junto com a mudança de âmbitos, houve uma mudança de métodos, atividades e teologia missionária.

1.3. Atividade missionária

Há cinco grandes áreas em que se concentra a atuação dos missionários. Outras áreas envolvem poucas pessoas.

Visão paroquial de missão

A área da "**pastoral geral**" envolve o maior número de pessoas (27,92%), sendo 37,90% de sexo feminino e 37,99% de sexo masculino. Neste sentido, a porcentagem por gênero parece se equivaler. Em números absolutos, 590 agentes estão em trabalho tipicamente pastoral ou, como se costuma dizer em termos missionários, de "plantatio ecclesiae". Às vezes, também, de "conservatio ecclesiae". A catequese, a sacramentalização, a organização interna, os cursos vários... tendem a centrar a igreja sobre si mesma. Trata-se do tipo tradicional de presença paroquial.

Quando se analisam as atividades tipicamente pastorais por continentes, há variações significativas. Na Ásia, somente 26,83% estão na pastoral geral (22). O maior contingente neste continente está no "Projeto Congregacional" (40,24%), envolvendo vários serviços, entre os quais o trabalho com as vocações locais. Na Europa, 22,97% estão atuando na pastoral geral, enquanto 28,38% trabalham em projetos congregacionais e 26,35% na área social. A Oceania envolve 25%. A África 38,11% e, significativamente, a atuação pastoral geral nas Américas tem índices altos: 49,44% na América do Sul e 47,90% na América Central.

As variações, em suas diversidades, apontam para um compromisso no campo intra-ecclesial. Missão, neste caso, significa criar, sustentar, conservar e manter a vida das comunidades cristãs, através dos caminhos normais da pastoral. O modelo privilegiado da atuação é a "paróquia" com todos seus desdobramentos. Há áreas em que as paróquias são consideradas como "comunidades de comunidades", ou como uma comunidade central, fortemente centralizada sobre si mesma. O modelo "paroquial" está sustentando substancialmente a presença missionária. Tudo gira ao redor da "pastoral geral".

A partir do fato de que há uma presença substancial dos missionários além-fronteiras no mundo urbano, torna-se necessário avaliar novos caminhos na perspectiva da missão urbana.

Esta característica "ad intra" é reforçada por outro contingente de missionários que trabalha no "**projeto congregacional**" (segunda área). Aqui nos encontramos diante de 17,80% ou 277 missionários que se distribuem nesta área. Trata-se de um serviço dentro da própria congregação seja na formação de novos quadros, seja assumindo cargos locais de direção. Trata-se de um trabalho restrito e funcional à Instituição. Não é um serviço diretamente para fora. É mais um gerenciamento e reprodução da instituição. Os missionários e missionárias que atuam em Projetos Congregacionais somados aos que atuam na Pastoral Geral perfazem um total de 767 pessoas. Isto quer dizer que **55,72%** das forças missionárias brasileiras além-fronteiras estão trabalhando para a instituição "Igreja" ou "Congregação".

Em determinados continentes o número absoluto dos que estão ligados à instituição é ainda maior. Na Ásia, são **67,07%** e na América do Sul **63,98%**. Um dado significativo é que o contingente masculino em serviços "institucionais" é ainda maior do que o feminino (59,09% x 54,89%).

Compromisso e obras sociais

O terceiro grande contingente de missionários **atua na área "social"**. Esta envolve o campo da saúde (sobretudo hospitais), as diferentes obras assistenciais, o cuidado com as crianças (pastoral da criança, orfanatos, etc.) e a promoção da mulher.

Os missionários/as envolvidos nesta área são 18,57% ou 289 pessoas. A missão tradicional se expressava e ainda hoje se expressa, através da prática das obras de misericórdia. O campo da saúde, com todas suas facetas, representou sempre o caminho complementar do processo missionário. Hoje, porém, ao lado da assistência, há também a busca das causas sociais do sofrimento e de sua superação. A missão penetra nos meandros da exclusão para implantar o sonho dos pobres e oprimidos.

O caminho da missão, portanto, desdobra-se entre o assistencialismo e o compromisso de mudança. Vários missionários brasileiros deixaram o Brasil no momento em que a crítica à missão ocidental era mais intensa e, certamente, alguns deles absorveram uma visão mais crítica do processo da busca das causas da pobreza e do subdesenvolvimento.

Não temos figuras de missionários brasileiros que se sobressaíram na elaboração desta crítica profética, como aconteceu com os combonianos Zanotelli ou Kizito Sezana na Itália.

Em todos os casos, o caminho do compromisso ou do alívio do sofrimento indica o caminho de uma missão que se debruça sobre o sofrimento do ser humano. É uma perspectiva de dentro para fora. Visa o serviço abre o leque da evangelização no sentido de envolver também a promoção humana e a ajuda a quem sofre.

O campo da pastoral específica

A área da "pastoral específica" se caracteriza como um trabalho junto com grupos humanos identificados em sua especificidade como, por exemplo, os migrantes, os povos indígenas, as crianças de rua e as mulheres marginalizadas. Na Igreja do Brasil, estas atividades fazem parte das "pastorais sociais" e têm uma conotação precisa de contribuir para a organização, a defesa dos direitos e a luta pela cidadania. Diferentemente da "pastoral geral", a "pastoral específica" lida com os grupos humanos e as pastorais de fronteira. Distancia-se também das "obras sociais" porque tem uma visão mais crítica da exclusão social e do compromisso de mudança. Muitas vezes pode até se expressar no processo de alívio do peso da exclusão, mas tem como projeto o resgate da cidadania. A evangelização e a missão, neste contexto, alarga-se para uma perspectiva mais abrangente e global, incluindo o compromisso pela justiça e a dignidade humana. Das forças missionárias brasileiras além-fronteiras, 7,26% (113 pessoas) atuam nesta pastoral específica. Somente 4,97% das mulheres e 16,56% dos homens estão neste caminho. A diversidade por continente evidencia onde estas pastorais estão situadas: 4,88% na Ásia, 5,41% na Europa, 8,33% na Oceania, 2,72% na África, 10,07% na América do sul, 10,08% na América Central e 40,82% na América do Norte. O número elevado na América do Norte indica que muitos missionários brasileiros estão envolvidos com os grupos de migrantes hispânicos ou brasileiros. Como já foi dito, a PBE (pastoral para os Brasileiros no Exterior) tem uma significativa atuação na América do Norte.

O primeiro anúncio

A área do "primeiro anúncio" foi sempre o que caracterizou historicamente o caminho da missão "além-fronteira". Associado ao termo "ad gentes", o primeiro anúncio significava a presença missionária no meio dos não cristãos ou em países com reduzida presença de cristão formais. Tendo perdido o caráter de conquista e

de conversão forçada, típico da época colonial, desdobra-se hoje no trabalho de inculturação, de diálogo inter-religioso e do serviço aos mais pobres. O anúncio explícito da mensagem de Jesus Cristo, mesmo com suas variantes, representou sempre a ponta de lança do caminho missionário além-fronteiras.

Somente 92 missionários ou 5,91% estão nesta tarefa. É a área que caracterizamos como "Evangelização". Mesmo no continente asiático, com minoria cristã, somente 13,41% encontram-se no trabalho missionário do primeiro anúncio.

Considerações conclusivas

Diante da pergunta: "Onde estão situadas as missionárias e os missionários além-fronteiras?", a resposta foi: "A maioria está em contextos urbanos". Diante de outras perguntas como: "Que atividade estão exercendo?", vimos que há um grande leque de tipos e enfoque de presença. O maior contingente está situado, na tradicional forma de evangelização, na pastoral geral ou ordinária, nas obras da Congregação, nas obras sociais, no campo educativo e, somente, uma minoria na evangelização explícita do "primeiro anúncio".

Tem-se a impressão que o caminho da missão além-fronteira deverá mergulhar um pouco mais nos desafios atuais da missão: a inculturação, o diálogo, a realidade do primeiro anúncio. Uma renovada teologia missionária deverá ser a base e o fundamento da perspectiva missionária.

1.4. Estadia no além-fronteiras

Muitas interpretações

Para uma missionária e missionário o fato de ir além-fronteiras é sempre desafiador. Significa uma quebra e uma reformulação na visão da realidade, um distanciamento das situações familiares, a aprendizagem de uma nova língua. Muitas vezes exige uma reformulação global dos horizontes.

Por quanto tempo um missionário permanece em outro país? Como está a situação atual? Que tipo de análise pode ser feita? O que estão indicando os dados?

Um grande contingente de missionários saiu do Brasil nos últimos quatro anos, exatamente 507 pessoas ou 33% do total. Incluindo também os que estão a menos de um ano em territórios de missão (64 pessoas), temos 571 ou 37% do total. Mais de um terço das forças missionárias deixaram o Brasil num brevíssimo espaço de tempo. Isto levanta alguns questionamentos e faz tecer algumas considerações.

Antes de tudo, *parece que a Igreja no Brasil ter acordado para a missão "além-fronteira"*. Os dados são claros e inequívocos. O caminho da abertura universal da Igreja brasileira está dando passos significativos a cada dia que passa. Não é mais uma Igreja que só recebe, mas também envia e se torna protagonista do caminho da missão. Junto com esta primeira observação, vale a pena adicionar uma outra. É nestes últimos anos que a Igreja acordou para a missão ou, *após um determinado período, há um regresso significativo de forças com uma relativa desistência?* Tentamos discutir melhor esta questão. Considerando os dados, os missionários que permaneceram além-fronteiras entre 5 e 9 anos são 386 (25%). Pode ser que tinham saído também os 33%, mas depois, voltaram 8%, correspondendo a 121 desistências. Parece que os números se repitam para a faixa etária superior. Os dados não são inequívocos como se parecem, mas não temos ainda termos de comparação suficientes para sustentar mais uma hipótese em detrimento da outra. Sendo a primeira pesquisa sobre as missionárias e os missionários brasileiros, não se têm ainda termos de confronto e parâmetros objetivos de avaliação. A única sugestão é que os dados sobre as forças missionárias sejam constantemente atualizados.

Vale a pena, no entanto, averiguar algumas variáveis para este crescimento.

A Igreja no Brasil e a abertura além-fronteiras

Mesmo com as ressalvas da observação anterior, não há dúvida que nos 50 anos de existência da CNBB e nos 30 anos de vida do COMINA (Conselho Missionário nacional) muito trabalho missionário foi feito, dentro e fora do Brasil. Houve um tempo, por exemplo, em que os projetos "Igrejas Irmãs", ao interior do Brasil, foram particularmente insistentes. Para o que se refere ao processo de uma missão universal, deve ser dito que, nos últimos 30 anos, mais de 1340 missionários ou 86,12% saíram do Brasil. Isto somente na consideração dos dados. Foram certamente muito mais, se considerarmos quem já regressou. Ainda observando os dados: sendo que 136 ou 9% não se pronunciaram sobre a estadia, com certeza 80 pessoas partiram antes de 30 anos atrás e ainda permanecem firmes no além-fronteira.

O que se deu para que a Igreja do Brasil, nos últimos 50 anos, ou o COMINA, nos últimos 30 anos, incentivassem significativamente a abertura além-fronteira? Quais foram os fatores significativos que podem ser tomados em consideração? Até que ponto a organização, a formação e a animação interna contribuíram para esta abertura universal? Que papel tiveram os COMIREs, os COMIDIs e os COMIPAs? Em que contribuiu o crescimento da Infância Missionária? Sendo que as Congregações Religiosas foram aquelas que mais enviaram missionárias e missionários, o que permitiu este despertar significativo?

Há muitos elementos a serem considerados. É comum, ainda hoje, achar que o Brasil esteja carecendo de agentes de pastoral nas situações missionárias internas. Muitos se perguntam se não é mais oportuno que os missionários fiquem aqui colaborando para a evangelização. Há resistências significativas para a abertura universal. O fato é que se pensa em termos de eficiência e não se enxerga que a abertura missionária universal "não é consequência, mas condição para o amadurecimento de uma comunidade cristã". Não obstante estes obstáculos, o caminho da missão universal está dando passos significativos.

Nos últimos anos, alguns documentos da Igreja conseguiram desinstalar e abrir caminhos mais ousados: O documento *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II (1965), a *Evangelii Nuntiandi* do papa Paulo VI (1975), o Documento de PUEBLA no n. 368 com o famoso "chegou a hora de a América Latina se abrir para além de suas fronteiras" (1979), o Documento da CNBB, *Igreja Comunhão e Missão*, de 1988 e, por fim, a Encíclica *Redemptoria Missio* do Papa João Paulo II (1990). Todos estes documentos, comentados e refletidos nas bases, contribuíram certamente para esta abertura. Um pouco menor foi o impacto e a colaboração dos missionários além-fronteiras para suscitar uma mais profunda consciência missionária. Durante o período de férias e de descanso foram pouco aproveitadas as contribuições destes missionários. Ainda permanecem desconhecidos e a comunicação das experiências é ainda precária. Vale a pena, em vez, considerar o crescimento da imprensa e dos vídeos missionários, com todas suas realizações e iniciativas. As POM têm um destaque particular com a campanha missionária do mês de outubro. A Escola Missiológica de São Paulo, sobretudo nos últimos anos, tem contribuído na discussão da "universalidade" em contraposição com a globalização excludente. Algumas dissertações e teses, ainda tímidas, estão resgatando a questão da universalidade missionária.

Estes e outros acontecimentos permitiram certamente maior tomada de consciência sobre a questão e um incremento da abertura além-fronteira. Há algumas resistências ainda sobre os fundamentos e a teologia que veicula a atuação dos missionários, mas não se pode duvidar do fato de que a missão além-fronteira está em sua fase de expansão.

O problema do regresso das missionárias e missionários

Considerando os dados sobre a estadia dos missionários além-fronteiras, é oportuno refletir sobre a questão dos regressos ou das desistências. Depois do

entusiasmo inicial, quantos missionários conseguem permanecer “nos territórios de missão” por um longo período? Qual a média de permanência? As estatísticas não permitem detectar esta variável. Sabe-se, no entanto, que vários regressam por doenças e desânimo, outros por desencanto após os primeiros meses e, outros ainda, valorizam mais uma experiência temporária do que o apelo para a vida toda (*ad vitam*). Algumas Congregações Religiosas atuam segundo um rodízio de pessoal, focalizando mais o compromisso da Congregação que a vocação *ad vitam* de seu membro.

De certa forma, os dados da pesquisa não permitem focalizar claramente esta problemática por falta de termos de comparação. É oportuno, no entanto levantar estas questões.

2 – SUJEITOS DA MISSÃO

2.1. Identidade e Gênero

A missão com rosto feminino

Os sujeitos da missão além-fronteiras têm um rosto bem preciso. 80,21% são forças femininas, 1248 missionárias, de um total de 1556 pessoas. O contingente masculino é somente 19,79% ou 308 missionários.

O que já se pensava há anos foi confirmado com esta pesquisa: rosto da missão além-fronteiras é predominantemente feminino, formado particularmente por religiosas de congregação. São as congregações religiosas femininas que, com ousadia, carregam a missão universal da Igreja do Brasil. Dos homens, quase a totalidade é proveniente de congregações religiosas masculinas. Homens e mulheres, ligados às Congregações, catalisam os 98,5% das forças missionárias.

Isto significa que a maioria, mulheres e religiosas, representa a força viva da missão? Há um estilo próprio de fazer acontecer o processo? O que significa o rosto feminino da missão? São perguntas que devem ser feitas, até no mesmo momento de preparação das missionárias.

A missão além-fronteiras sem leigos

Onde estão os leigos na missão além-fronteiras? Por que são tão poucos e quase insignificantes? Nos dados tabulados são 0,5%. De acordo com a estatística, um percentual desta grandeza é destituído de valor. No momento de montar as tabelas, até graficamente desaparecem. É simplesmente uma constatação.

O Concílio Vaticano II colocou no âmago da Igreja a questão missionária. Em si a missão foi tirada das mãos de alguns especialistas para se tornar propriedade de todo o povo de Deus. Passou do “ministério do exterior” para a “presidência”. Todo cristão, enquanto batizado, é missionário e toda Igreja, conseqüentemente, é missionária. Tudo isso, genericamente, foi assimilado. Concretamente, porém, as coisas não se encaixam. Há ainda uma “minoridade” que, por tantos motivos, continua retendo o processo, talvez não sejam mais especificamente as Congregações Missionárias, mas, como no caso do Brasil, são as Congregações Religiosas.

O apelo para que os leigos se tornem também protagonistas da missão além-fronteira foi lançado pela CNBB nas suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (n.247), mas... ainda não foi assimilado e concretizado. No entanto, os leigos compõem, em sua maioria, as instâncias de animação missionária do Brasil nos vários COMIREs, COMIDIs e COMIPAs e também nas organizações da Infância Missionária. Na prática, eles não têm ainda nem vez e nem voz na missão além-fronteira.

Existem vocações missionárias leigas para a dimensão universal. O que falta são novas formas, novas organizações e novas estruturas, ou, talvez, algumas figuras carismáticas que acreditem e levem adiante o processo. Grupos de missionários

leigos têm sua existência e crescimento confirmados e, além do mais, são os leigos que carregam a dimensão missionária em todas as instâncias.

As dificuldades começam a surgir a partir do momento em que alguém expressa a vontade de ir além-fronteira. Não há organizações que ajudem a discernir e a preparar estas forças. A problemática econômica tem seu peso. Quem paga a passagem? Como fica a ajuda de custo? Quem paga o seguro saúde? Quem acolhe estes missionários? E se ficarem doentes, quem se responsabiliza na volta para o Brasil? Todas estas razões são sempre colocadas como dificuldades lógicas e reais para os leigos que se sentem chamados a ir além-fronteira.

Os dados demonstram sem equívocos que, para além das razões, os leigos não existem como missionários abertos à universalidade. O discurso da Igreja é bonito, na prática é vencido pelas dificuldades.

Talvez seja na linha da "parceria" que deva ser encaminhado o envio de leigos além-fronteira. Parceria com as Congregações Religiosas, pois são estas que mais enviam forças missionárias. Poderia ser uma parceria na forma de associações mistas, mesmo que difíceis de serem aceitas juridicamente, ou de associações ligadas ao carisma das Congregações. Talvez aqui pode ser começado um processo que viabilize o caminho dos leigos para a missão além-fronteira.

O clero diocesano procurando caminhos para a missão

Do clero diocesano, 1% está na missão além-fronteira. São poucos, na verdade. Quase insignificantes do ponto de vista estatístico. Há padres nos projetos das Igrejas Irmãs do Brasil, mas quase ausentes nos projetos para além do Brasil. Os assim chamados "fidei-donum", cujo crescimento e presença são notáveis em países europeus, são quase inexistentes no Brasil. Há somente um bispo brasileiro nas missões como titular de uma diocese na África. Parece que a mentalidade universal não deslanchou. Os leigos se queixam que o clero não avança na animação missionária. Às vezes, até, atrapalham.

Quando se fala de um maior envolvimento do clero, fala-se sempre que é preciso começar dos seminários, na formação dos padres. Faltam professores e disciplinas missiológicas nos seminários. Falta também uma sensibilidade maior dos bispos que não incentivam. A verdade é que são apenas 11 padres diocesanos na missão além-fronteiras.

O texto das Diretrizes gerais da CNBB (199-2002), ao falar da animação missionária, comenta que "a segunda área diz respeito ao próprio perfil dos missionários. É necessário um intenso trabalho nos presbitérios e nos seminários para ajudar os presbíteros diocesanos a descobrirem a Missão além-fronteiras..." (n.248)

2.2. Faixa etária dos missionários/as

A faixa etária das missionárias e missionários além-fronteiras está homogeneamente distribuída entre os 30 e 60 anos. De 30 a 39 são 22,29%; de 40 a 49 são 25,53% e de 50 a 59 são 24,14%. Um grupo consistente está, também, entre os 60 e 69 anos, 18,78%. Acima dos 70 anos e abaixo dos 30, são respectivamente de 4,83% e 3,84%.

Estes dados suscitam duas questões: a primeira diz respeito à ligação entre a idade e a renovada teologia da missão e a segunda aponta para uma população relativamente jovem de missionários que se deslocam além-fronteira.

Idade e renovada teologia da missão

O divisor de águas para o surgimento de uma renovada teologia da missão foi o Concílio Vaticano II (1962-1965). A começar dos documentos do Concílio se iniciou um processo de re-atualização de algumas bases da teologia missionária. Anteriormente centrada na "conversão dos pagãos" e, mais tarde, na "plantatio

ecclesiae”, após o Concílio emergiu a dimensão trinitária como fundamento da teologia missionária, a centralidade do Reino como horizonte da missão e a visão da Igreja como sendo servidora da missão. Termos novos surgiram e, também, crises de identidade dos missionários. Muitos se perguntaram se ainda era válido o compromisso missionário. Foi pedida a “moratória” de todos os missionários. O processo de reformulação e de re-atualização deixou muitas vítimas nas forças missionárias. Surgiu desencanto e perplexidade.

A idade dos brasileiros que estão na missão sugere o que muitos deles passaram através deste período. No ano 2002 ocorre o aniversário dos 40 anos do começo do Concílio. Muitos dos missionários brasileiros são contemporâneos a toda esta reformulação. Até que pontos foram atingidos? Como se deu o processo de reformulação?

Como foi dito anteriormente, quando se discutiu a realidade da atividade missionária, uma grande maioria está centrada num trabalho bastante tradicional de missão, focalizada na pastoral geral e no serviço à Congregação. A grande maioria, nas diferentes idades, continua centrada no modelo da “plantatio ecclesiae” ou na “conservatio ecclesiae”. Talvez uma minoria, pouco significativa, está se orientando para os novos caminhos. Aqui vale a pena considerar a consistência da continuidade do processo de reflexão uma vez que se deixa o Brasil, ou ainda, até que ponto as novas reflexões missiológicas atingem o campo direto da missão. A nosso ver, continua subsistindo uma defasagem entre a reflexão missiológica e a prática efetiva dos missionários. Isto é refletido também nas práticas de animação missionária que se abastecem de um modelo tradicional e não acompanha os novos desafios.

Até que ponto o maior envolvimento dos missionários brasileiros além-fronteiras poderá contribuir para uma renovada animação missionária de nossas comunidades e de nossa Igreja? Que tipo de prática missionária sustenta a possibilidade de uma renovada animação missionária? O processo de defasagem deve ser mais bem analisado. Não adianta a quantidade, é preciso ver os níveis de qualidade da reflexão missiológica e do contexto atual da missão.

Idade e forças missionárias

A tomada de consciência sobre a faixa etária dos missionários e sobre a idade efetiva das forças além-fronteiras levanta perguntas sobre “quem serão” os missionários dos próximos anos. Aqui é levada em consideração, principalmente, a questão da idade. Geralmente quem deixa o Brasil para os territórios de missão é uma população relativamente jovem. A problemática da aprendizagem das línguas e as mudanças em todos os sentidos exigem que o passo seja dado por pessoas relativamente jovens. Como foi visto, nos últimos 5 anos quase 600 missionários se deslocaram além-fronteiras. Se o processo de saída está envolvendo sempre mais pessoas, prevê-se que a idade tenderá a se situar nas faixas intermediárias, com acentuação dos 30-50 anos. Tudo isso, porém, deve ser averiguado através de ulteriores pesquisas.

2.3. Formação acadêmica

Mais de 50% (exatamente 55,46%) das missionárias e dos missionários têm curso superior completo, 37,79% curso médio e 5,14% ensino fundamental.

Quando se considera a variável “**gênero**”, temos respectivamente 88% homens e 47, 52% mulheres com o curso superior. O gênero masculino tem o dobro de missionários que têm curso superior.

Considerando a variável “**continente**”, temos algumas variações interessantes, se não significativas. Na América do Norte 69,39% têm curso superior, portanto, acima da média. Na Europa, inversamente, há mais pessoas com o ensino médio que aquelas de nível superior (46,96% versus 40,20%). Na Ásia, a porcentagem com ensino superior é extremamente alta, 76,83%. Estas variações sugerem pistas

de explicação pertinentes. A América do Norte acolhe missionários em sua maioria sacerdotes trabalhando com os migrantes; a Europa tem um ingente de religiosas e religiosos que estão a serviço das casas das Congregações, como auxiliares de serviços da cozinha e de casa, ou auxiliando as irmãs mais idosas no campo da saúde. A Ásia sugere que um nível de qualificação muito alto, seja por causa das línguas que, às vezes, exigem muitos anos de estudo, seja pelo contato com as grandes culturas e religiões que exigem uma preparação muito mais qualificada e aprimorada.

A missão e a formação acadêmica

Pensamos que seja importante aprofundar mais a ligação que existe entre a missão além-fronteira e a formação acadêmica. Não temos dados comparativos de como está a situação das religiosas e dos religiosos no Brasil. Sabe-se que nos últimos anos há um incentivo sempre maior para estudos mais qualificados e uma formação intelectual mais aprimorada. A saída além-fronteira exige, necessariamente, um maior preparo e uma melhor base de formação humana e acadêmica. O encontro com outras culturas, o deslocamento e a adaptação a outro contexto, a aprendizagem de novas línguas, a construção de uma outra visão de mundo e o preparo teológico das finalidades e métodos da missão são, pelo menos, muito exigentes. Temos a impressão que ainda não são suficientes os cursos básicos de preparação imediata para a missão, sobretudo pelo tempo muito reduzido. Para quem tem a graduação em teologia, há a necessidade de mergulhar mais em questões antropológicas e culturais. Para quem têm estudos no campo do serviço social, ou no da psicologia, necessita um aprimoramento maior de um ponto de vista teológico ou antropológico. Para todos, são fundamentais conhecimentos de medicina e enfermagem, de noções sobre personalidade e vida comunitária e, sobretudo, de dinâmicas interculturais e transculturais. Há grupos de missionários de vários países que atuam juntos. Necessitam conhecer mais detalhadamente dados básicos sobre a antropologia cultural. Hoje se fala também de teologias em diálogo ou de teologia inter-cultural. São questões que, a médio prazo, devem ser enfrentadas na preparação dos missionários.

2.4. Estados e dioceses de origem

O Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro que envia mais missionários, 377 pessoas ou 24,23%. Um quarto das missionárias e missionários brasileiros provêm deste Estado. Seguem, depois, Minas Gerais com 13,30% (207), São Paulo com 12,53% (195), Santa Catarina com 12,34% (192), Paraná com 10,99% (171), Espírito Santo com 3,53% (55). Todos estes Estados, localizados no Sul e no Leste do Brasil, perfazem a percentual de 76,92% de todos os missionários além-fronteiras. Os outros Estados do Centro, Norte e Nordeste, excetuados 2,44% em branco, têm 20,74%, destacando-se a Bahia com 2,96% (46), o Ceará com 2,19% (34), o Maranhão com 1,86% (29). O Estado de Rio de Janeiro, curiosamente, distancia-se dos Estados do Sul com 1,86% (29) dos missionários brasileiros além-fronteiras. As dioceses que concentram o maior número de missionárias e missionários brasileiros além-fronteiras são também as do Sul do Brasil. Entre as primeiras 21 dioceses, 7 são do Rio Grande do Sul, 6 são de Santa Catarina, 4 de Minas Gerais, 2 do Paraná, 1 de São Paulo e 1 do Espírito Santo. As primeiras cinco dioceses destacam a hegemonia do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul (93), Santa Cruz do Sul (65), Passo Fundo (55), Rio do Sul-SC (38) e Erechim (34).

O sul do Brasil e a questão missionária

Quais os fatores que permitem explicar o grande número de missionários provenientes do Sul do Brasil? Uma série de fatores torna esta área extremamente favorável para a origem dos missionários além-fronteiras. No Rio Grande do Sul e

outros Estados encontram-se o maior número de religiosas e religiosos. Aqui concentraram-se as Congregações que vieram de outros países e encontraram um terreno favorável para a sua expansão. Algumas Congregações, tipicamente brasileiras, nasceram e se desenvolveram nestas áreas. Os recursos humanos e econômicos possibilitam, ainda hoje, um maior empenho para este empreendimento. A mentalidade dos migrantes europeus, antes, e, depois, de outros Estados do Brasil, carregam dentro de si o sentido da mudança e do deslocamento. É preciso também entender o estilo inovador e criativo de fazer acontecer a animação missionária. Há projetos, como no Rio Grande do Sul, em que todas as dioceses assumiram um trabalho missionário no Moçambique, preparando, sustentando e enviando os próprios missionários. Campanhas como "cem mil bíblias para o Moçambique" podia acontecer sobre uma base já aberta à universalidade. Também os Estados de Santa Catarina e Paraná mantêm projetos pioneiros nas áreas africanas, enviando os próprios missionários. São Paulo, mesmo tendo uma abertura de intercâmbio com a Amazônia, ainda não desenvolveu um próprio projeto além-fronteiras.

O nordeste e o norte, desvendando caminhos

Dos missionários além-fronteiras, 20,74% são originários do Centro, Norte e Nordeste 20,74%. Representam áreas em situação de emergência pelos precários recursos e pela pobreza, às vezes extrema. A vivacidade dos agentes de pastoral permitiu dar um passo qualitativo na questão missionária. É o sentido de "dar da própria pobreza" ou a consciência de que "uma igreja amadurece quando se abre à missão" que permite explicar este "salto qualitativo". A Bahia, o Ceará, O Maranhão... o Piauí e outros abrem-se gradualmente para a missão além-fronteiras. Cursos específicos estão sendo oferecidos em Teresina-PI para os missionários do Piauí e Maranhão. Alguns destes missionários estão, há alguns anos, participando do projeto com o Moçambique, sob incentivo dos missionários combonianos. Em Belém -PA, o IPAR (Instituto de Pastoral Regional) prepara missionários e tem cursos de primeira qualidade. São, porém, as Congregações religiosas que estão mais envolvidas neste processo de abertura universal. Há grupos que já elaboraram e estão elaborando projetos missionários além-fronteiras, em nível provincial.

2.5. Entidade de pertença

Das missionárias e missionários brasileiros além-fronteiras, 98,5% pertencem a Congregações Religiosas, 1% é padre diocesano e 0,5% é leigo. Entre as 20 primeiras entidades que enviam missionárias e missionários, 16 são femininas e 4 masculinas. Entre as primeiras 10 entidades femininas, 5 são de fundação brasileira. De cada três Congregações de origem brasileira, uma tem missionárias além-fronteiras, como ilustra a tabela abaixo.

Tabela 1

Missionárias (os) por congregação

Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret (+)	80	5,14%
Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos) (*)	57	3,66%
Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu	51	3,28%
Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata	48	3,08%
Catequistas Franciscanas (+)	39	2,51%
Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (+)	37	2,38%
Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado (+)	34	2,19%
Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus	31	1,99%

Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (+)	28	1,80%
Congregação das Filhas de Nossa Sra. Do Monte Calvário	28	1,80%
Congregação das Irmãs Benedetinas da Divina Providência	26	1,67%
Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo	25	1,61%
Instituto das Irmãs Missionária Nossa Senhora de Fátima	25	1,61%
Congregação das Irmãs Passionistas de S. Paulo da Cruz	24	1,54%
Ordem dos Frades Menores (*)	23	1,48%
Pobres Servos da Divina Providência (*)	21	1,35%
Pia Sociedade Filhas de São Paulo	20	1,29%
Pequena Obra da Divina Providência (Orionitas) (*)	19	1,22%
Congregação das Irmãs da Divina Providência	18	1,16%
Companhia das filhas da Caridade de São Vicente de Paulo	18	1,16%
Outras		904
(*) Congregações masculinas		
(+) Congregações surgidas no Brasil		

As Congregações masculinas com mais de 10 missionários no além-fronteiras são as seguintes:

Tabela 2
Missionários das congregações masculinas

Congregação dos missionários de São Carlos (Scalabrinianos)	57
Ordem dos Frades Menores	23
Pobres servos da Divina providência	21
Pequena Obra da Divina Providência (Orionitas)	19
Instituto da Consolata para as Missões Estrangeiras	16
Salesianos	14
Sociedade do Verbo Divino (Verbitas)	11
Irmãos Maristas	10
Padres Piamartinos	10
Total	181

A consciência missionária das congregações brasileiras

Um elemento que emerge destes últimos dados é a consciência missionária sempre maior das Congregações e, especialmente, das Congregações religiosas surgidas no Brasil. Tudo isto deve envolver uma reflexão mais detalhada e profunda. O afinamento da sensibilidade missionária não surge por acaso. É fruto de um caminho de radicalidade evangélica que inclui uma forte paixão pelo Cristo missionário e uma dedicação completa ao reino de Deus. O fato de que várias Congregações religiosas, surgidas no Brasil, tenham em seu bojo uma grande sensibilidade missionária e universal, faz pensar no desejo profundo de partilhar e de oferecer uma experiência original. Mais uma vez, é preciso dizê-lo, a missão que vem da periferia do mundo carrega dentro de si o despojamento, a pobreza e a humildade. É uma missão de "pobre para pobre". Aprofunda caminhos e métodos que não estão na tradicional missão ocidental, muitas vezes associada ao processo de expansão colonial e carregando dentro de si uma certa arrogância. Este dado deve ser maior aprofundado.

O rosto da missão que as Congregações religiosas femininas estão revelando abastece-se de uma proximidade muito grande com o povo pobre e excluído, com as resistentes culturas populares e com a presença inculturada. Mesmo que, como foi visualizado anteriormente, não se percebe nos dados um trajeto peculiar, parece-se ligado à *plantatio ecclesiae* ou à *conservatio ecclesiae*, há um potencial que deve ser descoberto. A dificuldade de obter experiências e testemunho

significativos, depende muito mais do esquecimento e do abandono em que se encontram muitos missionários além-fronteiras. Há um caminho que deve ser resgatado no sentido de tornar mais significativas todas as peculiaridades destas pessoas. É preciso tirar da clandestinidade a missão e os missionários além-fronteiras.

A questão da preparação missionária

Com tantas presenças e vidas de missionárias e missionários doadas aos diferentes povos, levanta-se a questão do aprimoramento maior e melhor de todas estas forças. Quando algo começa, não se têm muitas preocupações em estruturar demais. Quando, porém, há um processo de sedimentação, e o caminho da missão além-fronteiras tornou-se maduro, torna-se necessário, a partir das experiências vividas, traçar um melhor caminho de preparação e de aprofundamento. Como nos dizia um missionário há muitos anos na África: "O que necessito é que me ajudem a ler e a sistematizar o que amontoei num saco sobre as costas. Vi tantas coisas, vivenciei tantas experiências... agora preciso colocar uma ordem em tudo isso".

2.6. Dioceses de envio

São Paulo - SP	282
Porto Alegre - RS	127
Londrina - PR	92
Curitiba - PR	91
Belo Horizonte - MG	75
Rio de Janeiro - RJ	42
Caxias do Sul - RS	37
Olinda e Recife - PE	33
Brasília - DF	31
Ponta Grossa - PR	29
Passo Fundo - RS	27
Niterói - RJ	26
Joinville - SC	19
Rondonópolis - MT	18
Fortaleza - CE	17
Vitória - ES	16
Santa Maria - RS	16
Florianópolis - SC	16
Campinas - SP	14
Novo Hamburgo - RS	13

Foram escolhidos os lugares de envio dos missionários além-fronteiras. Estes lugares nem sempre correspondem aos lugares de origem pelo fato de que os envios acontecem geralmente na sede central de cada entidade. O envolvimento das irmãs da Congregação e do governo geral e provincial torna mais oportuno um lugar mais central. Quem sabe, vale a pena repensar também todos estes envios na perspectiva da animação missionária interna do Brasil. Não há maior incentivo de animação se não a partir da saída e da radicalidade de quem parte. É preciso retomar de novo o sentido do "envio" como elemento fundamental de uma espiritualidade e de uma animação missionária consistente.

CONCLUSÃO

Nesta primeira abordagem sobre a realidade das missionárias e missionários brasileiros além-fronteiras, alguns temas emergem para serem aprofundados. Após o impacto dos dados e de algumas considerações básicas, surgem alguns questionamentos e, evidentemente, a exigência de alguns encaminhamentos.

Antes de tudo, no que se refere à Igreja do Brasil, é importante entender a fase missionária “do receber” ao “partilhar”. Após centenas de anos em que a Igreja do Brasil recebeu os missionários, está sempre mais consistentemente oferecendo a partilha da própria fé a outros povos. O “partilhar” já não está mais na ótica do “despejar” ou de “obrigar” e exige uma nova base missiológica.

O grande conjunto das missionárias e missionários além-fronteiras levanta questões a respeito do processo de escolha, de formação, de acompanhamento e do retorno de todos estes missionários. Tudo é ainda muito precário em todos estes processos. Como dizia uma missionária na Ásia: “Quem está no além-fronteiras está quase que completamente esquecido”. Há necessidade de retomar com mais afinco todas estas questões pelas várias entidades, pela CNBB, pelo COMINA e pela CRB.

A questão da “animação missionária” da Igreja no Brasil necessita um revigoramento de perspectivas e de experiências que pode vir somente do caminho dos missionários além-fronteiras. Os impasses internos, de objetivos e métodos, requerem um maior envolvimento dos missionários fora, através da troca de experiências, de testemunhos mais contundentes e de re-focalização da universalidade da missão.

Nos perguntamos, também, sobre o tipo de imagem do Brasil que as missionárias e os missionários além-fronteiras estejam passando aos outros povos e aos outros países. Que tipo de contribuição, para além dos comuns estereótipos do “carnaval e do futebol” ou de “desigualdade e miséria”, todas estas forças estão veiculando no sentido positivo de um país aberto, de coração grande, de uma nação que partilha?

Endereço do autor:
Rua Joaquim Távora, 686
Vila Mariana
04015-011 São Paulo – SP
e-mail: giorgio@cidadanet.org.br